A representação do demoníaco na cultura africana em *Do Amor e Outros Demônios*, de Gabriel García Márquez

Fernanda Medeiros de Figueirêdo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FIGUEIRÊDO, FM. A representação do demoníaco na cultura africana em *Do Amor e Outros Demônios*, de Gabriel García Márquez. In MAGALHÃES, ACM., *et al.*, orgs. *O demoníaco na literatura* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 189-197. ISBN 978-85-7879-188-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A representação do demoníaco na cultura africana em *Do Amor e Outros Demônios*, de Gabriel García Márquez

*Fernanda Medeiros de Figueirêdo*¹ (PPGLI-UEPB)

Do amor e outros demônios, obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez, é marcada pelo contexto colombiano-caribenho do final do século dezoito, durante o vice-reinado da Colômbia, esta sendo ainda colônia da Espanha.

¹ Mestranda em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. Graduada em Comunicação Social pela mesma universidade. Email: nandavarzea@gmail.com

A narrativa conta a história da adolescente Sierva Maria de Todos los Ángeles, que foi fruto de um plano da mãe Bernarda Cabrera (uma plebeia pobre) para casar com Ygnacio (marquês rico) por causa dos seus bens materiais. A menina nasceu de sete meses, enlaçada pelo cordão umbilical e, além disso, rejeitada pelos pais e prometida aos santos e orixás africanos pela escrava Dominga de Adviento, que prometeu que se a criança sobrevivesse não cortaria os cabelos até o dia do seu casamento. Esta foi criada junto aos escravos, onde aprendeu a cultura africana, suas línguas e danças. Sendo neste sentido que Magalhães (2008, p.3) afirma que “após seu nascimento [Sierva] foi batizada em Cristo e consagrada a Olokum”, o que já representa a primeira contradição dentro de um contexto onde a religião e os costumes africanos não eram bem aceitos pelo cristianismo e pela própria sociedade.

Mais tarde, sendo mordida por um cachorro na ocasião em que foi ao bairro dos escravos em companhia de uma escrava comprar guizos para celebrar a festa de seus doze anos, a criança apresenta sintomas a princípio considerados pelos médicos como raiva, mas vistos pela igreja católica como possessão demoníaca.

O fato ocorreu no auge da Inquisição Moderna, levada a cabo pela Espanha e Portugal desde o século XV, nas sedes de seus reinos e em seus domínios coloniais, a qual, segundo Anita Novinsky “ultrapassou de longe a crueldade e intensidade da Inquisição papal na Idade Média”. (ARAÚJO, p.6)

Por este viés, abordamos neste artigo até que ponto os mitos a respeito do “mal” são apresentados nas diferentes culturas, priorizando o impacto causado pelos ritos e pela cultura africana na América Latina, uma vez que a “cultura dos negros” é vista pelo clérigo e pela sociedade como predisposição a atrair demônios diversos, embora o termo demônio possa ser interpretado ao longo da obra de maneiras diversas. O demônio é explicado pela igreja e seus adeptos como possessão maligna – o mal corporificado – o que culminou com os exorcismos (do grego *exorkismós*, “ato de fazer jurar”, pelo latim *exorcismu*), designando o ritual executado por uma pessoa devidamente autorizada para expulsar espíritos malignos (ou demônios) de outra pessoa, prática bastante utilizada na Inquisição, quando se julgava que havia crimes de duas naturezas:

De um lado estavam aqueles contra a fê, que eram considerados os mais graves e tinham as penas mais severas; de outro, os contra a moral e os costumes, que comportavam toda uma gama de modalidades, tais como bigamia, sodomia, feitiçaria etc., e que, inclusive, se misturavam com o campo religioso. (ARAÚJO, p. 11-12).

Considerando o imaginário e as identidades que permeiam a trama, esperamos abordar as representações do demoníaco nos costumes e santos de um povo subjugado durante o sistema colonial. Além da opressão imposta ao povo africano, o cristianismo teme e pune a liberdade de pensamento em relação às questões espirituais e identitárias.

Também é importante ressaltarmos que estamos analisando o demônio enquanto força maligna, termo recorrente do catolicismo, e também como o mal dentro das pessoas, não por motivos espirituais, e sim através da imagem que as pessoas atribuem ao desconhecido, neste caso, ao povo africano em terra estrangeira. Para adentrarmos esse estudo e relacionarmos a intolerância religiosa e cultural com conceitos já estabelecidos, utilizamos como pressupostos teóricos as colocações de DURAND (2004), MAGALHÃES (2008), LANDOWSKI (2002), FANON (2008), entre outros autores.

Crises identitárias no colonialismo

Longe de mostrar um contexto de tolerância cultural, *Do Amor e Outros Demônios* é a representação de um povo colonizado e subjugado aos “conhecimentos” de outrem, que aponta como “errada ou pecadora” toda e qualquer manifestação que não seja comum ao país e a seus nativos.

Entre alguns estudos focados na obra do escritor colombiano Gabriel García Márquez, alguns colocam como foco norteador a teoria psicanalítica para explicar a possessão demoníaca defendida pelos Tribunais Eclesiásticos da Igreja Católica, outros a colonização, ou ainda o fator religioso e norteador das vidas e destinos dos personagens principais. O que pretendo destacar ao longo da trama é a não aceitação de ritos e cultos africanos; o mal sempre provindo da cultura negra presente na

localidade onde se passa toda a narrativa, ou seja, o estranhamento e a rejeição ao estrangeiro, a tudo que não pertence à “sociedade oficial” e, sobretudo, a valorização dos mitos e a importância do imaginário no desenrolar das ações narradas.

É importante frisar, como lembra Magalhães (2008), a resistência que culturas e religiosidades possuem na defesa de seus conteúdos e práticas. Dessa forma, na obra fica evidente que o clérigo, através do retiro de Sierva em um convento e do exorcismo imposto à criança, não pretende ajudá-la, mas tão somente tratá-la de um “mal” e infligir os cânones e crenças cristãs, inferiorizando e ridicularizando os cultos, costumes e a religião afro-colombiana. Exemplo disso é que os três idiomas africanos falados por Sierva foram observados pelas clarissas do convento como atributos satânicos, uma vez que a menina sentiu-se em seu mundo, pois ali era o lugar onde os escravos negros do Convento Santa Clara reconheciam seus colares de macumba e falavam a linguagem ioruba.

Além do mundo colonial tão bem retratado em *Do Amor e Outros Demônios*, Márquez revela o mundo do outro em um contexto de estranhamento. O estrangeiro, neste caso o africano, já chega com rótulo de dominado, classe inferior; escravo que é obrigado a submeter-se aos costumes da sociedade dominante, que ironicamente, também é reprimida pelas regras e tradições, muitas vezes cruéis, do cristianismo. Fato que corrobora a afirmação do teórico Eric Landowski de que “[...] toda diferença de comportamento um pouco marcada, pela qual o estrangeiro trai sua proveniência, parece para ele (assimilador do grupo dominante), extravagância despida de razão.” (LANDOWSKI, 2002, p. 6)

Neste sentido, a representação do mal na obra de Márquez está sempre condicionada à imagem do africano ou do diferente, alheio às regras, seja em seu aspecto social ou cultural, e principalmente religioso. É tanto que o princípio que levou todos a crerem que a menina estava possuída por um demônio foi o fato de ela ser uma marquesa de pele branca, mas de “alma” negra. A jovem foi criada em um alojamento de escravos, com costumes e tradições africanas vividas no anonimato, silenciadas para não agredir a cultura branca e cristã, inclusive revelada pelo autor com toda a sua carga de incertezas, resistências, falhas e medo.

Mesclam-se diversas culturas em busca de identidade, uma vez que muitos personagens possuem cidadanias construídas e decadentes, como, por exemplo a esposa sem títulos do marquês – Bernarda Cabrera – filha de índio ladino com branca de Castella, e que se auto afirmava ‘não negra’. Também o próprio padre Cayetano Delaura, criado no Novo Reino de Granada, era filho de uma nativa de San Martín de Loba, na província de Mompox, que emigrara com os pais para a Espanha, mas sempre convencido de que seu pai era descendente direto de Gargilaso de la Vega. Ou seja, a trama sempre apresenta personagens que não reconhecem o outro, ou mesmo o outro dentro de si. Todos vivem perturbados com seus próprios demônios, o mal provindo de características, raças e situações consideradas inferiores pela sociedade nativa e sua cultura. E todos estes preferem apontar, por orientação da igreja Católica, os demônios africanos presentes na menina branca com costumes negros.

Percebe-se então que nos processos relativos à diferença e à identidade sobrepõe-se uma relação de poder do mais forte, uma luta pela hegemonia que tem início em uma espécie de demarcação de território através da cultura que “vale mais”. Os negros fazem seus rituais e práticas escondidos, uma vez que os brancos, comandados sempre pelo poder do clérigo (que reina exatamente por meio do domínio que emana da fé e do medo) se colocam em posição de destaque em um embate de posicionamentos ideológicos. Sobre isto, entende-se que:

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com as relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar presença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2000, p.81)

Uma vez que a própria diferença é utilizada como recurso do poder da igreja para apontar os demônios presentes na cultura africana e assim fazer a sociedade esquecer-se dos próprios enganos e deficiências que os cercam, essa conexão apontada pelo autor citado demonstra a relação de poder entre crenças e culturas distintas. Uma que tende a impor seu poder com violência e outra que pratica seus rituais de forma mais oculta possível, protegendo e assumindo sua identidade de maneira camuflada.

Cultura mitificada – estrangeiro ou demônio?

A obra apresenta não só o estrangeiro africano, mas também as identidades escondidas no interior de pessoas que assumem máscaras para serem aceitas pela sociedade e pelo domínio cristão. Sierva María era na verdade Maria Mandinga, a negra devota e praticante de cultos e costumes africanos, que viu sua vida mudar drasticamente após uma mordida, causadora de doença ou possessão demoníaca, algo que aparentemente só existiu para os outros.

Além disso, Magalhães em debate informal, afirmou ainda que essa mordida pode ser metaforicamente interpretada: O demoníaco, neste caso, está presente em diferentes relações, nas variadas tramas. E a mordida do cão é uma alegoria que elucida todo o restante da trama, uma vez que há elementos determinantes em torno deste cão: 1) O próprio nome “cão” pode ser associado ao diabo; 2) Ele estaria com raiva, então aponta para uma influência violenta, feroz sobre a vida; 3) Vem do mundo animal, o que configura que forças para além da cultura entram na cultura, invadem o cotidiano, alteram práticas e possuem corpos.

Esse foi então o primeiro passo para a morte tão precoce de Sierva, consequência da mitificação de uma cultura e da intolerância de outra. E tratando-se de imaginário, cabe então recorrer às colocações de Durand (2004, p.7) no que diz respeito ao costume do Ocidente em considerar-se “o único herdeiro de uma única verdade”, na maioria das vezes opondo-se e desafiando as imagens, em uma constante atitude de desconfiança iconoclasta, na qual essas imagens são, no mínimo, suspeitas.

A partir disso podemos lembrar a figura de Sierva com suas longas madeixas ruivas e pele muito branca, com um aspecto de menina astuta (considerada uma espécie de feiticeira por muitos) – presente na narrativa onde a imaginação corrobora a suspeita de ser “amante do erro e da falsidade”, afirmação feita pelo filósofo francês Nicolas Balebranche.

Ainda de acordo com Gilbert Durand, agora em seu livro *A Imaginação Simbólica*, ele afirma que a consciência tem duas formas de apresentar o mundo. E em uma dessas formas situamos a representação imagética de um poder que supera os limites humanos (da morte, por exemplo),

esse poder que tanto pode ser divino como demoníaco. O importante é a forma e as características que a consciência atribui àquela imagem desconhecida.

Um *directa*, na qual a própria coisa parece estar presente no espírito, como na percepção ou na simples sensação. A outra *indirecta* quando, por esta ou por aquela razão, a coisa não pode apresentar-se em <<carne e osso>> à sensibilidade, como por exemplo na recordação da nossa infância [...] ou na representação de um além morte. (DURAND, 1964, p.7)

O mito, intuição visionária da alma já conhecida desde os gregos, admite verdades indemonstráveis, dentre as quais a imagem mítica muitas vezes se sobrepõe à razão e causa resistências e até severas rejeições, como aconteceu à menina com todos os seus dezesseis colares e trejeitos africanos, embora brancura marcante, sugestionando inclusive um atributo a mais para reafirmar uma presença demoníaca através da imagem: a brancura extrema em meio à negritude africana.

Da mesma forma que em outros tempos as imagens de santos nas igrejas cristãs foram vistas pelos imperadores de Bizâncio como ameaça à pureza iconoclasta, no tempo em que se passa a narrativa, foi a imagem da religião africana em território caribenho dominado pelo poder sacro que foi vista como ameaça ao bem comum, à paz que emana do único Deus aceito pelo cristianismo. E como ocidente marcado por uma única verdade, esta pode ser considerada apenas uma das batalhas em uma guerra contínua pelo domínio do que é certo ou errado.

Como bem colocou Durand (*Ibidem*, p. 83) Freud já observara anteriormente que o herói depende do monstro ou do dragão para transformar-se em herói, sendo assim era necessário para a igreja cristã daquela época, marcada pelo que Magalhães (2008, p.2) conceituou de decadência e esgotamento espiritual da cristandade colonial, maximizar os monstros presentes na religião do outro (afro-colombiana) e distorcer uma rede de imagens simbólicas coligidas em mitos e ritos para assim ser talvez considerada a religião mais lógica dentro de um contexto marcado pelo caos, pela desordem e pela confusão mental.

O autor Frantz Fanon argumenta que a colonização requer mais do que a subordinação material de um povo. Ela também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e se entenderem, o que também os colocaria na relação de cumplicidade e conivência de contrários defendida por Durand. “Para o colonialismo, esse vasto continente [África] era um antro de selvagens, uma região infestada de superstições e fanatismo, digna de desprezo, carregada de maldições divinas, lugar de antropófagos, lugar de negros” (FANON, 2005, p. 245). Desta forma, a África presente na América Latina, representada através dos escravos africanos com suas doenças, ritos e “possessões demoníacas” também era algo a ser combatido através da fé e do domínio cristão. A imagem do negro, inclusive em uma menina branca, era capaz de responsabilizá-la por todos os males que pudessem ocorrer onde esta estivesse.

Do Amor e Outros Demônios trata principalmente dos mitos que envolvem e amedrontam a sociedade através dos tempos e da história. A repercussão e poder do mal atrelado ao mito da menina branca que foi possuída pelos demônios africanos exatamente por ter sido entregue a eles por uma escrava. A criança filha do pecado e rejeitada pelos pais, filha de Olokum e entregue à morte pela autoridade cristã, acolhida pelos negros e vítima da crueldade do seu próprio clã, dos brancos que se diziam bons.

Através do imaginário humano, nos mais variados contextos, pode-se perceber que o estranhamento à cultura do outro é o responsável por produzir os tão temidos demônios presentes desde o surgimento das civilizações. A eterna disputa pela razão do que é certo ou errado na cultura ocidental tem marcado o cerne das maiores guerras ideológicas que se teve notícia até então. Com as religiões, poder norteador e temido pelas sociedades, não foi diferente. Em *Do Amor e Outros Demônios*, a situação escandalosa de um possível demônio que se apoderou de uma menina branca filha de marquês resultou em grande tragédia. E esta, semelhante a tantas outras, serviu apenas para “honrar” a consciência dos grupos hegemônicos.

Os meios usados no embate contra o diferente geralmente são os mesmos, o que muda com o decorrer do tempo são os personagens. Identidade e alteridade (representação da diferença) caminham juntas, uma depende da outra para existir, no entanto, a supremacia da verdade mostra quem domina e quem obedece. E claro, a mitificação do bem e do mal produz santos e monstros com objetivos bem definidos pelos que detêm o poder.

Bibliografia

ARAÚJO, Maria Inês de. Do amor e outros demônios. Paroxismo, exorcismo e desamparo no romance de Gabriel García Márquez. **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XIII, nº 134, p. 5-15. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/134_01.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2012.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Trad. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Trad. Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: Ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

MAGALHÃES, Antônio C. M. Identidade Cultural e Cristianismo em Textos de Gabriel García Márquez. In: Segundo Colóquio Latino-americano de Literatura e Teologia. **Simpósios**. Chile: 2008. Disponível em: <<http://www.alalite.org/files/chile2008/ponencias/Antonio%20Magalhaes.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SILVA, T. T. (org.). A produção social da identidade e da diferença. In _____ **-Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Imagem

Disponível em <http://images.epilogue.net/users/monstarling/siervamaria.jpg>. Consultada em 07/10/2012.